



A espionagem britânica e americana a serviço da sabotagem e resistência durante a II Guerra Mundial

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS*

Em pleno contexto da II Guerra Mundial, para vencer, a luta não se limitou ao uso da força nos campos de batalha com tiros e explosões. Uma forma complementar para auxiliar na elaboração de estratégias foi o uso de agências de inteligência e espionagem. O objetivo era coletar e analisar informações, além de empreender operações especiais e clandestinas. Diversos países beligerantes utilizaram destes órgãos, dentre eles estavam o norte-americano *Office of Strategic Service* (OSS) e o britânico *Special Operations Executive* (SOE). São estes serviços secretos que iremos estudar neste trabalho. Sendo assim, o objetivo deste texto é apresentar algumas formas da atuação destas agências durante o conflito, assim como a sua importância.

Trabalhando infiltrados em território inimigo, camuflados e utilizando dispositivos especiais, como cigarros capazes de produzir chamas de até cinco segundos (*Catalogue of Special Devices and Supplies*, 1945), e sendo chamados por codinomes para manter o disfarce são algumas das ações para além de James Bond, o famoso agente da longa série de filmes *007* e que surgiu originalmente na literatura nas obras de Ian Fleming. São ações reais e praticadas em tempos de guerra por agências de espionagem e seus espões que ocorreram durante o conflito.

A importância da inteligência na guerra pode ser verificada na derrota da França para os Alemães em 1940. Não é o único fator, nem determinante, mas contribuiu. Como afirmou Marc Bloch em *A Estranha Derrota*: “O fato de que nossos chefes nunca soubessem perfeitamente as verdadeiras intenções do inimigo e, talvez, pior ainda, suas possibilidades materiais, pode ser explicado pela má organização de nossos serviços de informação” (BLOCH, 2011: 48). Bloch (1886-1944) foi historiador, capitão do exército francês e membro da Resistência Francesa. Esta obra é um testemunho de época, escrito em 1940, e um trabalho historiográfico. O autor nos mostrou como é possível fazer história no calor dos acontecimentos por ter lutado como soldado francês contra os nazistas e por ter analisado o conflito em perspectiva histórica. Servindo, portanto, também como uma fonte primária.

Ainda nesta obra o historiador deixa claro seu orgulho de ser francês, mas assume que a culpa da derrota foi dos próprios franceses. Sendo assim, ele apresenta as falhas da França



2

no conflito como pelo fato de não se adequarem à guerra de velocidade; a baixa moral da população na organização da resistência; e uma indústria bélica despreparada. Além da falha de comunicação e o excesso de burocracia. Bloch apresentou como foi difícil a comunicação entre os oficiais mais rasos com os superiores. Havia também lentidão para se tomar decisões e a dificuldade de repassar informações, devido à desorganização. Para completar, os oficiais entravam em conflitos constantemente entre si, o que o autor chamava de “partidos militares”. Ele apresentou a importância dos serviços de inteligência na guerra e como sua deficiência contribuiu para a derrota dos franceses. A sua defesa é que o conhecimento é um meio necessário para montar a estratégia.

A informação de que na Noruega estava sendo produzida água pesada para a produção de uma possível bomba atômica alemã e os planos para evitar que isto ocorresse, bem como o isolamento da Bretanha em pleno desembarque da Normandia, evitando a chegada de reforços alemães, mostram o papel desempenhado pelo OSS e pelo SOE (WILLMOT, 2008: 228). A utilização de suas ações em atividades de inteligência, sabotagem e propaganda em países ocupados pelo Eixo foi estratégica e pensada como parte fundamental da vitória final dos Aliados.

Ambas as agências empreendiam serviços de espionagem e inteligência para dificultar a ocupação do território pelo inimigo. Essas instituições procuravam incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando ações de sabotagem e propaganda. Em territórios ocupados pela Itália e pela Alemanha, assim como em zonas invadidas pelos japoneses, a ação dos movimentos de resistência foi fundamental para dificultar o trabalho do inimigo e ajudar na vitória final dos Aliados. Para isso, as agências de inteligência britânica e norte-americana procuraram empreender ações de espionagem, sabotagem e propaganda.

Estados Unidos e Inglaterra tiveram, no contexto dos seus respectivos serviços secretos, trajetórias muito semelhantes. Ao contrário das tensões em torno dos seus exércitos nacionais, uma relação de parceria parece ter sido mais rapidamente desenvolvida entre o OSS e o SOE. Evidência desta cooperação pode ser observada no fato de que coube os agentes britânicos prepararem os americanos em um centro de treinamento no Canadá (chamado *Camp X*), ou ainda pelo fato do OSS fornecer suprimentos e inteligência ao SOE em algumas oportunidades. Este é um dos pontos de cruzamento na história de ambos os países e seus serviços secretos.

Neste cenário, o *Special Operations Executive* e o *Office Of Strategic Services* criaram e utilizaram manuais que deveriam cumprir a função de material didático aos agentes secretos para o planejamento de operações reais em serviços de inteligência. Era a estes espões que as obras deveriam capacitar para que ações de espionagem, sabotagem e propaganda fossem realizadas em território inimigo. Eles deveriam ensinar estas técnicas à população local para formar a resistência. Estes materiais eram produzidos com propósitos administrativos internos ou como literatura de treinamento e não tinham como objetivo o grande público (BULL, 2013: 22).

Essa necessidade de produzir suportes didáticos para os agentes em formação ajudaria a evitar coisas como, por exemplo, o uso de documentação incompleta ou de um tipo de vestimenta inadequado ao local, conforme explicava o livreto *Manual of Disguise* (Manual de Disfarce,) de 1944. Ou conforme o *Sten Gun Manual* (Manual da Sten Gun), também de 1944, que orientava sobre o uso da metralhadora mais comum entre os membros da resistência, capaz de 550 disparos por minuto. Podemos mencionar também os manuais, assim como os *lealefts* (folhetos), que orientavam sobre como produzir *poison pen letters* (falsos documentos), como difundir rumores, como criar uma *black radio* (emissão radiofônica pirata), entre outros (Manual of Disguise, 1944; Simple Sabotage Field Manual, 1944; Sten Gun Manual, 1944).

Espionagem: usos e definições

O uso da informação procura prever ações do inimigo e, assim, conduzir suas forças armadas. Desta forma, entendemos o conceito de inteligência, na perspectiva de John Keegan, como a coleta, interpretação e análise de informações para conhecer o inimigo, suas fragilidades, seus pontos fortes e seus planos. Segundo o autor, para que possua efeito satisfatório é necessário que as informações sejam obtidas em tempo real (KEEGAN, 2006). Isto é, é fundamental que haja comunicações rápidas para que as informações cheguem ao teatro de operações a tempo de serem utilizadas nas elaborações das estratégias e táticas.

Uma das formas utilizadas pela inteligência para coletar essas informações e até mesmo desinformar (oferecer informações erradas para enganar o inimigo) é através da espionagem. Conforme Eva Horn, espionagem consiste em operações secretas empreendidas por espões por meios clandestinos para enganar e conhecer. “É a luta pela vantagem no que é conhecido, um jogo de esconder e descobrir, informação e desinformação” (HORN, 2003:



4

06). O critério mais importante não é a verdade, tampouco a falsidade, mas a eficácia tática. O conhecimento como arma para obter vantagem estratégica.

Segundo André Luís Wolosyn, a espionagem tem como objetivo transmitir informações sobre o inimigo para proporcionar uma ampla visão da situação, e assim, apontar tendências e elaborar estimativas (WOLOSYN, 2013: 136-7). Os tipos de informações são, por exemplo, comportamento do inimigo, localização de instalações sensíveis, situação econômica do país, capacidade industrial e tendência dos governos nas abordagens de diversas situações. Para tal empreendimento, ainda conforme o autor, a espionagem é “operacionalizada com a participação de agentes infiltrados ou pessoas recrutadas dentro do próprio serviço secreto, que roubavam documentos confidenciais e faziam relatos pormenorizados dos alvos por meio da observação – memorização e descrição” (Idem).

Portanto, espionagem significa conhecer o inimigo. Trata-se de obter informações sobre aquilo que está escondido ou tentam esconder. Desta forma, são necessárias atividades clandestinas, que envolvem mentiras, segredos, atividades enganosas, vantagens da surpresa, distração, desinformação, vigilância, técnicas operacionais, infiltração, camuflagem etc. Em outras palavras, é uma guerra secreta por meios de intrigas e armadilhas. Podem parecer ações “imorais”, mas que constituem um fator importante para ajudar a vencer guerras e que foram utilizadas por diferentes batalhas na história.

Como afirma Clausewitz, informação é “o conjunto de conhecimento relativo ao inimigo e ao seu país, e por consequência, a base sobre a qual se fundamentam as nossas próprias ideias e os nossos atos”(CLAUSEWITZ, 2003: 79). Nos conflitos modernos, como na II Guerra Mundial, essas informações poderiam ser coletadas por interceptação e decifração de mensagens (SIGINT – *Signals Intelligence*); reconhecimento aéreo (IMINT - *Imagery Intelligence*) e agentes secretos (HUMINT – *Human Intelligence*).

É neste cenário que aparece o espião. Na clássica obra de Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, o espião é dividido em cinco tipos: espiões locais, são os próprios habitantes do território local; espião interno, são os oficiais do inimigo; espiões convertidos, é utilizar de espiões inimigos presos para seus próprios propósitos; espiões condenados, é fazer certas atividades abertamente com o objetivo de enganar e permitir que esses espiões saibam delas e informem ao inimigo; e espiões sobreviventes, são aqueles que retornam do território inimigo trazendo informações (TZU, 2014: 152). Sendo assim, o espião ou agente secreto é o intermediário da



5

guerra secreta ao coletar e transportar informações. Faz isso se passando pelo inimigo ou por estrangeiro.

Política e resistência através de sabotagens e guerrilhas

Algumas das formas de atuação destas agências no cenário da II Guerra Mundial podem ser observadas através da comparação entre dois manuais produzidos e utilizados por elas: o *Partisan Leader's Handbook* (Manual do Líder Guerrilheiro) e o *Simple Sabotage Field Manual* (Manual de Campo de Simples Sabotagem). O primeiro foi compilado pelo Major Colin Gubbins, da Inteligência Militar Inglesa. O manual foi o ponto de partida das operações secretas britânicas na II Guerra, sendo utilizado pelo SOE. Trata-se de um documento sigiloso, mas que circulou o mundo e que foi traduzido em diversas línguas (francês, holandês, polonês, norueguês, chinês etc), cujo objetivo era apresentar o *modus operandi* de guerrilha na guerra; assediar o inimigo por qualquer meio; cortar as comunicações inimigas; mobilizar e dar suporte à população local e agir somente quando houvesse certeza do sucesso. Conforme o próprio manual:

Lembre-se que seu objetivo é atrapalhar o inimigo de toda forma possível, de modo a tornar mais difícil para seus exércitos lutarem nos principais fronts. Você pode fazer isso danificando suas comunicações ferroviárias e rodoviárias, seus telégrafos e sistema postal, destruindo pequenas partes do inimigo (Tradução Nossa) ¹.

O segundo, produzido e utilizado pelo OSS, foi um dos mais conhecidos e utilizados manuais. Tinha como objetivo instruir sobre como seria possível ao cidadão comum colaborar com os Aliados. A chamada “sabotagem simples” era abordada como importante para atrapalhar a rotina das forças de ocupação e, ao mesmo tempo, alimentar a confiança da população em uma vitória breve dos Aliados. A obra foi feita considerando-se que os alemães utilizaram trabalho estrangeiro em larga escala, se tornando até dependentes disto e por submeteram os trabalhadores a condições sub-humanas. Assim, estes mesmos trabalhadores eram pessoas com motivos e oportunidades para empreender ações que aparentemente dificultavam o cotidiano dos exércitos inimigo. Esse documento também era confidencial, nas palavras do William Donovan, chefe do OSS: “O conteúdo deste Manual deve ser

¹ “Remember that your object is to embarrass the enemy in every possible way so as to make it more difficult for his armies to fight on the main fronts. You can do this by damaging his rail and road communications, his telegraph and postal system, by destroying small parties of the enemy” (BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, *The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 27).



6

cuidadosamente controlado e não deve ser autorizado a chegar a mãos não autorizadas” (Tradução nossa)².

Portanto, a resistência, no caso da Segunda Guerra, recebeu amparo dos manuais, panfletos e livretos produzidos pelo OSS e pelo SOE e ensinados pelos espões. Para Carl Clausewitz, a resistência cumpre papel central numa guerra. A defesa de um território tem na resistência um fator importante, pois dela podem depender informações vitais: “é a informação (...) como aquelas que tocam inúmeras pequenas incertezas ligadas ao serviço cotidiano de um exército, e relativamente às quais o entendimento com os habitantes dá aos defensores uma vantagem de ordem geral” (CLAUSEWITZ, 2003: 493). Por isso, no *Partisan Leader's Handbook* é destacada a importância de obter informações para o melhor planejamento das operações conhecendo a localidade e os movimentos dos inimigos. Alguns questionamentos deveriam ser levantados, como:

- a. *Quais horas de descansos das sentinelas e como é feito.*
- b. *Total força da guarda e dos destacamentos.*
- c. *Como e quando chegam os suprimentos para a guarda? Civis são permitidos entrar nos postos?*
- d. *Onde os homens que não estão de sentinelas guardam seus rifles? Estes rifles estão acorrentados ou em simples racks?*
- e. *Os homens são permitidos a deixar suas posições por curto período de tempo?*
- f. *Com que frequência os guardas são inspecionados, por quem e que horas?*
- g. *Quais os suportes de comunicação do posto, ex., telégrafo, motocicleta ou ciclo de mensageiros, pombos correios? Eles podem ser destruídos?*
- h. *Os correios e os pequenos destacamentos de homens seguem uma rotina com horários fixos, dando oportunidade de emboscada?*
- i. *Estes destacamentos possuem sentinelas, equipes avançadas, etc ou prosseguem em grupos?*
- j. *Os veículos são à prova de bala ou os pneus são à prova de punção, lados blindados, etc?*
- k. *Quais especiais ferramentas e explosivos, se alguma, são requeridos para operações, e qual a quantidade? (Tradução Nossa)³*

Ou ainda, também neste manual, ao ensinar como executar emboscadas em estradas, mas que para isso era necessário obter informações sobre a forma de locomoção dos

² “The contents of this Manual should be carefully controlled and should not be allowed to come into unauthorized hands” (OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Simple Sabotage Field Manual**, 1944, p. 95)

³ (a) Hours when sentries are relieved, and how relief is carried out. (b) Total strength of guard or detachment. (c) How and when do supplies for the guard arrive? Are civilians allowed to enter the post? (d) Where do men not on sentry-go keep their rifles? Are these rifles chained up or in plain racks? (e) Are men allowed to leave the position for short periods? (f) How often are guards inspected, by whom and at what times? (g) What means of communication for the post exist, i.e. telegraph, moto-cycle, or cycle messengers, carrier pigeons, etc. Can these be destroyed? (h) Do mails or small detachments of men follow regular routes at fixed times, giving opportunities for ambushing? (i) Do these detachments have sentries, advance parties, etc., or do they proceed in one group? (j) Are motor vehicles fitted with bullet-proof or puncture-proof tyres, armoured sides, etc.? (k) What special tools and explosives, if any, are required for the operation, and what amount? (BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, **The Partisan Leader's Handbook**, 1939, p.30-1).



7

destacamentos, sua força média, seus armamentos e sua quantidade de veículos utilizados; se seus carros eram blindados; os horário que eles passavam pelo local escolhido para o ataque; se moviam em blocos ou se colocavam homens na frente e atrás para se prevenir de surpresas, entre outras informações (Ibidem: 37). Para obter essa inteligência era necessário a ajuda da população local. Os tipos de pessoas ideais para serem empregadas para esta tarefa, conforme o manual, eram: padres; estalajadeiros; garçonetes, empregados de bar e todos atendentes dos cafés; empregados domésticos nas casas onde oficiais ou homens estavam alojados; doutores, dentistas e funcionários de hospital; lojistas, vendedores ambulantes; e seguidores de acampamentos. Sendo recomendado que este pessoal fossem treinados para estas tarefas (Ibidem: 33-40. Isso reflete no que Clausewitz afirma, “*a influência total* dos habitantes de um país sobre a guerra está, no entanto, longe de ser insignificante, mesmo se não se produz verdadeira sublevação geral do povo” (CLAUSEWITZ, 2003: 493).

Sendo assim, o objetivo dos manuais era também possibilitar que estas ações de resistência fossem empreendidas por pessoas comuns. No *Simple Sabotage Field Manual* afirma-se: “Para inúmeras simples ações as quais o indivíduo cidadão-sabotador comum pode realizar” (Tradução nossa)⁴. Esses sabotadores poderiam ser divididos em dois tipos. Um era aquele que não era tecnicamente treinado e empregado, necessitando, assim, de sugestões específicas. O outro era o técnico que poderia criar situações para sabotagem, por exemplo, um torneiro mecânico ou um mecânico de automóveis. Eram pessoas que agiam em suas atividades cotidianas, principalmente em seus trabalhos. Não por acaso tratavam-se de “simples sabotagens” ao entupir, por exemplo, banheiros com papel, cabelo ou qualquer outro objeto; ou ainda sistemas de esgotos com esponjas saturadas com amido grosso ou solução de açúcar (Ibidem: 106).

O próprio manual entende esse conceito, a sabotagem, como uma forma de atrapalhar o cotidiano das tropas inimigas através de simples ações empreendidas por cidadãos comuns, sem necessariamente qualquer tipo especialização ou armas. Como por exemplo, provocar curto-circuito ou incêndios com material inflamável em fábricas, armazéns e escritórios; atrasar o trabalho; ou ainda espalhar informações falsas para desmoralizar o inimigo (Ibidem: 104). Por sua vez, o *Partisan Leader's Handbook* entende sabotagem como:

⁴ “To innumerable simple acts which the ordinary individual citizen-saboteur can perform” (OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, *Simple Sabotage Field Manual*, 1944, p. 96).



8

Uma ação individual ou por pequenos grupos de pessoas que agem na furtividade e não em conjunto com as forças armadas. Este empreendimento, contudo, frequentemente produz valiosos resultados e, como as ações militares, obriga o inimigo dispersar sua força a fim de se proteger contra eles (Tradução Nossa)⁵.

Estas ações se caracterizam como astúcias praticadas pela população local contra o domínio do exército do Eixo. É um jogo de relações de poder no qual as forças inimigas que ocupam o território são os *fortes*, e aqueles subjugados e submetidos à repressão e trabalhos forçados são os *fracos*. Mas, isto não impede que estes procurem oportunidades dentro deste contexto para atingir com *golpes* aqueles que o dominam. Conforme Michel de Certeau, são *táticas* dos fracos contra a autoridade e *estratégias* dos fortes para se beneficiar (CERTEAU, 2011: 91). Dentro de um sistema imposto pela ocupação essas pessoas procuravam meios de manipular práticas contra as vontades e interesses do inimigo, mesmo sendo controlados por ele. Desta forma, ainda segundo Certeau, o cotidiano é composto de “combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ações que o fraco pode empreender” (Idem). Sendo assim, o *Partisan Leader’s Handbook*, ciente da superioridade de armamento do inimigo, ensina como detê-los em suas tentativas de destruir as guerrilhas com ações para conter aviões, tanques, carros e caminhões blindados, metralhadoras, bombas, granadas etc (The Partisan Leader’s Handbook, 1939: 50-1).

Como afirma Clausewitz, “quanto mais fracas sofrem as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais acessível esta será à astúcia” (CLAUSEWITZ, 2003: 217). Portanto, aquele que não possui meios de impor sua vontade contra o oponente, neste caso a população local contra as forças do Eixo, torna-se submetido à imposição do adversário. Porém, encontra, através da sabotagem e guerrilha no seu cotidiano, formas de resistência e defesa. Era essa prática que os manuais procuravam ensinar e tinham os agentes secretos como porta-vozes. Podemos citar exemplos de pessoas que mesmo sendo forçadas a trabalhar nas fábricas, encontravam meios de atrasar a produção danificando alguma peça como transformadores, motores elétricos, turbinas e caldeiras. Ou ainda ao utilizar a desculpa que deixou cair a chave no circuito elétrico porque um ataque aéreo o manteve no escuro ou estava dormindo no trabalho, sempre pedindo muitas desculpas para parecer um desastrado (Simple Sabotage Field Manual, 1944: 101). Tais ações são exemplos de astúcias

⁵ “Sabotage deals with the acts of individuals or small groups of people, which are carried out by stealth and not in conjunction with armed force. These undertakings, however, frequently produce very valuable results and, like military action, force the enemy to disperse his strength in order to guard against them” (BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, *The Partisan Leader’s Handbook*, 1939, p.31).



9

empreendida no cotidiano pelo mais fracos contra os mais fortes que às vezes nem percebem quem estão sendo alvos de ataque.

Para encorajá-las a empreender estas atividades, os agentes deveriam antecipar ganhos pessoais futuros com transformações consistentes em suas vidas com uma eventual libertação, como mudança de governo local, abolições de restrições ou a chegada de mantimentos. Também fazê-los se sentir membro de algo maior, até chegar ao ponto de adquirir senso de responsabilidade e repassar seus conhecimentos a outros sabotadores. Até mesmo fazê-los se identificar com o esforço de guerra americano e a ajudar abertamente os Aliados no período de invasão e ocupação (Ibidem: 97).

Nas ações de sabotagem do *Partisan Leader's Handbook* o foco eram homens especializados e um caráter mais militar: “Ações individuais de sabotagem, de sentinelas *sniping* etc, pelas quais homens podem ser especialmente selecionados para trabalhar individualmente em certas áreas” (Tradução nossa)⁶. Também utilizavam da população local para dar suporte em ações militares de forma a não serem pegos de surpresa em ações inimigas. Assim, os envolvidos repassariam informações sobre o inimigo, suas forças, seus movimentos e ajudariam a esconder os compatriotas que faziam parte da guerra de guerrilha. Mulheres e crianças também eram utilizadas por gerarem menos suspeitas. Todavia, segundo Max Hastings, os guerrilheiros russos e iugoslavos foram os únicos a empregar mulheres no combate direto (HASTINGS, 2012: 377). Enviadas pelas SOE, as mulheres desempenhavam normalmente funções administrativas e de apoio para as Forças Armadas em territórios ocupados.

Para obter tal suporte da população era preciso não ofendê-los e encorajar seu patriotismo e o ódio ao inimigo. O próprio manual afirma que era preciso convencê-los que a ocupação era temporária e que aqueles que ajudassem na expulsão seriam recompensados, ao contrário daqueles que se favorecessem o oponente seriam punidos. “Lembre-se que tudo que você pode fazer desta maneira está ajudando a ganhar a liberdade novamente para o seu povo” (Tradução Nossa)⁷. Ou seja, o documento tentava convencer que lutar ao lado dos britânicos traria a liberdade como prêmio.

⁶ “Individual acts of sabotage, of sniping sentries, etc, for which men can be specially selected to work individually” (BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, *The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 28).

⁷ “Remember that everything you can do in this way is helping to win freedom again for your people” (BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, *The Partisan Leader's Handbook*, p. 27).



10

Isso nos leva a pensar nas várias formas de agir politicamente. Não apenas o agir político de personalidades famosas do governo, das forças armadas ou ainda de aparatos burocráticos. Mas, na perspectiva da Nova História Política, que não trata-se de uma abordagem elitizada e factual como se fazia no século XIX, e sim uma história voltada para a sociedade. Nesta perspectiva a política transita de um campo a outro de forma dinâmica e flexível. Ela pode estar presente nas mídias, nas guerras, nas eleições, nos partidos, entre outros. Segundo René Rémond, “o político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado (...). Ora ele se retrai ao extremo” (RÉMOND, 2003: 442). Desta forma, “certas situações ampliam o campo do político” (Ibidem: 443), fazendo com que não tenha fronteiras e obtenha uma definição abstrata.

Ainda conforme Rémond, essa definição do político

Mais constante é pela referência ao poder: assim, a política é a atividade que se relaciona com a conquista. (...) Mas só é política a relação ao poder na sociedade global: aquela que constitui a totalidade dos indivíduos que habitam um espaço delimitado por fronteiras que chamamos precisamente de políticas. Na experiência ocidental, ela se confunde com a nação e tem como instrumento e símbolo o Estado (Ibidem: 444).

Neste campo historiográfico é percebida uma política além do Estado. Isso indica que há uma perspectiva global, fruto da influência da *Escola dos Annales* e estabelecendo uma relação entre estruturas e acontecimentos. Ela está presente em diferentes segmentos da sociedade que não sejam necessariamente o Estado, se afastando, assim, dos objetos tradicionais utilizados no século XIX. Entende-se que nas relações de poder as pessoas obedecem tanto por coação física e simbólica como por interesses e estratégias. O poder não é somente repressão é também uma trama social. Não pertence somente a uma única pessoa, pois, é uma relação de troca. São interações múltiplas que buscam legitimidade. Segundo Ciro Flamarion Cardoso:

(...) mesmo os funcionalistas reconhecem que o poder é funcional para a coesão social, mas também para os interesses específicos dos grupos que o detêm, e por esse motivo, ao tratar do poder é mais realista considerar centralmente o conflito (CARDOSO 2012: 37-54).

Isso é o que diferencia a política do político. Conforme Pierre Rosanvallon o político é uma ação coletiva, “é uma modalidade de existência da vida comum, quanto uma forma de ação coletiva que se distingue implicitamente do exercício da política” (ROSANVALLON, 2010: 73). Tal estudo procura envolver o político em toda sua complexidade, isto é, buscar



11

uma história política total. Ainda segundo o autor, é ir “além do campo imediato da competição partidária pelo exercício de poder, da ação governamental cotidiana e da vida ordinária das instituições” (Idem), que seria a política. Desta forma, o político é a análise das tramas, dos conflitos e das tensões cotidianas entre pessoas ordinárias, mas que entorno do contexto e dos acontecimentos históricos.

Esta abordagem *do* político pode ser observada nos manuais de guerrilha e sabotagem do SOE e OSS. Suas ações estavam voltadas para o cotidiano dos exércitos de forma que atrapalhassem seu funcionamento, dispersassem forças e obtivessem informações. Pretendiam diminuir seu poder. Exemplos de alvos que podem ser encontrados em ambos os manuais são: estradas, ferrovias, pontes, meios de comunicações (telégrafos, correios, telefone, rádios etc), meios de transportes, suprimentos de comida, combustível e munições. Destes podemos citar os meios de transportes ferroviários. O manual de sabotagem ensina a tornar a viagem o mais inconveniente possível aos passageiros inimigos gerando enganos em suas passagens, não os deixando dormir à noite com barulhos ou servindo comida estragada; a danificar a fiação elétrica conectando os fios errados ou causando curto-circuito aplicando pedras de sal; ou ainda gerando problemas nos sistemas de óleo e lubrificação, refrigeração, motores elétricos e caldeiras, são algumas das formas que poderiam ser utilizadas (Simple Sabotage Field Manual, 1944: 119-20). Por sua vez, o manual de guerrilheiro era menos sutil e ensinava a detonar ferrovias com explosivos (The Partisan Leader’s Handbook, 1939: 42-3).

Contudo, o *Simple Sabotage Field Manual* procurava ser mais detalhista nas oportunidades do cotidiano. O OSS ampliou os alvos de sabotagem além dos já citados, como: produção industrial, metais de produção, extração mineral, agricultura, transportes aquáticos, energia elétrica, interferências em organizações e produções (conferências, escritórios, gerências, supervisões, etc) e formas de afetar a moral e criar confusões, como fornecer explicações incompreensíveis quando questionado, relatar espiões e perigos imaginários pra a Gestapo ou a polícia, praticar ações estúpidas, entre outras medidas (Simple Sabotage Field Manual, 1944: 131). A obra inclusive afirmava: “As metas de sua sabotagem são geralmente objetos aos quais ele tem acesso normal e discreto na vida cotidiana” (Tradução nossa)⁸. Eram exemplos de armas para sabotagem: sal, pregos, velas, fios, água, arroz, lima de unha, facas etc, isto é, material que geravam poucas suspeitas e em alvos que

⁸ “The targets of his sabotage are usually objects to which he has normal and inconspicuous access in everyday life” (OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, *Simple Sabotage Field Manual*, 1944, p. 96)



12

qualquer poderia agir. Em alguns casos poderiam causar danos em motores industriais ao aplicar metais em pó, areia ou pedaços de vidros no sistema de lubrificação (Ibidem: 108).

Já o manual de guerrilha, o *Partisan Leader's Handbook*, utilizava-se mais de armas de fogo e explosivos, mesmo que suas ações seguissem os princípios da surpresa, furtividade, agir de preferência em horas mais escuras e evitar batalhas de campo, ou seja, o objetivo era atacar e desaparecer repetidas vezes para que o inimigo dispersasse forças ao tentar defender seus pontos vulneráveis, tornando, conseqüentemente, cada parte pequena e mais fracas.

Outro diferencial é que este documento do OSS procurava explicar o passo-a-passo de como realizar sabotagem. Por seu turno, o *Partisan Leader's Handbook* era mais tático e estratégico nas formas de atacar, justamente por ser voltado para a guerrilha. Se o primeiro, por exemplo, ensinava a colocar grãos duros, como arroz ou trigo em tanques de gasolina (Ibidem: 109), o segundo ensinava como melhor posicionar atiradores em emboscadas de ferrovias (The Partisan Leader's Handbook, 1939: 40) ou o uso de bombas de tempo em carros e trens (Ibidem: 31). Era algo que uma senhora idosa provavelmente não poderia realizar, diferente do primeiro exemplo citado no manual de sabotagem que era de mais fácil acesso a ser executado.

Apesar das diferenças, ambos os manuais tinham como propósito enfraquecer o inimigo através de pessoas que não estavam nas forças armadas. Eram pessoas comuns que deveriam lutar no cotidiano com o objetivo de derrotar as forças do Eixo. Sendo assim, a ação política de um cidadão ordinário passava pela ideia de que tais sabotadores e guerrilheiros empreendessem essas ações a favor dos Aliados. Claro que não podemos esquecer que havia também as motivações individuais, não somente coletivas. Para que o conteúdo destes documentos juntamente com sua política chegasse a essas pessoas foram utilizados agentes secretos encarregados de treinar e transmitir a mensagem para convencê-los. Estes também agiam conforme interesses políticos, neste caso das agências de espionagem a serviço dos respectivos governos.

Isso nos leva a pensar em uma cultura política. Tentava-se motivar essas pessoas a adotar esse comportamento. Conforme Serge Bernstein, na cultura política há elementos de um determinado grupo com representações, normas, valores, leituras da realidade, certas percepções do passado e perspectivas de um futuro (BERSTEIN, 1998: 353). Estes códigos pertencem a um conjunto social. A cultura política é abstrata e pode flutuar entre diversos



13

grupos de culturas diferentes. Sendo que as características que se fazem mais presentes são da cultura política dominante.

O surgimento de uma cultura política é um processo lento e de longa duração. Até se tornar presente e estruturada na sociedade são necessários em alguns casos até mesmo séculos. Isso porque elas surgem ousadas e inovadoras. Sendo necessários mecanismos que façam ela se tornar presente e legitimada entre os indivíduos, como a família, a escola e os meios de comunicação, por exemplo. Para se firmar também é necessário se adequar à organização social para criar ideias e mecanismos que possam estar em conformidade com as necessidades da sociedade. Para isto, cada cultura política sofre influências de outras, assim como também as influencia.

Ainda segundo Berstein:

A acção é variada, por vezes contraditória, é a composição de influências diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no seio do clima cultural em que mergulha cada indivíduos pela difusão de temas, de modelos, de normas, de modos de raciocínio que, com a repetição, acabam por ser interiorizados e que o tornam sensível à recepção de ideias ou à adopção de comportamentos convenientes (Ibidem.p. 357).

Adotando esta abordagem podemos nos questionar se as agências de espionagem procuravam transmitir sua cultura política à população dos países ocupados para angariar aliados na guerra. Ou seja, através de espões e manuais estariam o SOE e o OSS tentando legitimar sua percepção política da realidade aos movimentos de resistência para enfraquecer o Eixo? Isso acarretaria em transformar comportamentos. Essas tentativas de transformações podem ser verificadas no *Simple Sabotage Field Manual* ao incentivar os espões a encorajarem a população local para mudanças de hábitos e de pensamento para que nas suas mentes qualquer ocasião pudesse se tornar alvo de sabotagem, como a ferramenta que deveria ser afiada, passa a ser cega; o que deveria ser lubrificado, seria lixado; aquele que era normalmente aplicado, tornaria-se preguiçoso e descuidado (*Simple Sabotage Field Manual*, 1944: 99). O propósito era engajá-los no esforço de guerra contra o Eixo. Para tal, esses agentes teriam que se adequar à organização social do território ocupado ao tentarem apresentar os benefícios da vitória dos Aliados na guerra. Como fariam isso?

Tal processo de convencimento perpassaria pela representação. Essa cultura política envolve a vida comum e, para Pierre Rosanvallon, no cotidiano há um entrelaçamento das práticas e das representações, sendo essas responsáveis pelas ações dos indivíduos que



14

compõem a sociedade (ROSANVALLON, 2010: 87). Portanto, para que espiões conseguissem angariar o apoio da população civil dos países ocupados pelo Eixo em suas empreitadas contra o inimigo, era necessário que houvesse convergência entre as representações da realidade entre eles para que gerassem práticas com os propósitos semelhantes. Neste caso, resistência contra as tropas invasoras.

Esse processo não ocorre em uma única direção, são trocas e variáveis conforme os interesses. A cultura política é coletiva e individual, este último influenciado por outras culturas, fazendo escolhas e se orientando politicamente. É um processo dinâmico. Segundo Cardoso,

Percebe-se, então, que uma mesma cultura política possa comportar nuances e subdivisões em função de interiorização seletivas provindas de processos de socialização que também favorecem o surgimento de variantes, algumas das quais pode, ser categorizadas em termo de gerações (CARDOSO, 2012: 37-54).

Essas escolhas e variantes podem ser observadas na organização e nos objetivos dos movimentos de resistência. Segundo Max Hastings, esses grupos de resistência eram raramente homogêneos em seus motivos, composição e eficácia. Para este autor alguns agiam com boa-fé, mas outros eram desertores com medo de serem deportados ou motivados pelos desejos de aventura ou ainda uma queda para o banditismo. Assim, agiam com brutalidade considerável, chegando alguns a praticar torturas sistemáticas de colaboradores e prisioneiros. Ainda conforme Hastings, uma pequena minoria apoiava a resistência dado o preço alto de possíveis represálias (HASTINGS, 2012: 426). Isso nos faz pensar, até que ponto os manuais e espiões atingiram seus objetivos? Quais tipos de práticas eram executadas? E quais seus resultados?

Considerações finais

Infelizmente no trabalho do historiador algumas lacunas ficam expostas, e nesta pesquisa não é diferente. Ainda não conseguimos responder alguns questionamentos para saber até que ponto a população local estava disposta a ajudar o OSS e a SOE. Ainda não achamos uma documentação que nos informe o quanto essas pessoas colocavam em prática o que esses agentes ensinavam com base nestes manuais. É preciso levar em consideração que havia o perigo de represálias caso fossem descobertas. No caso de sabotagens em fábricas houve ajuda até mesmo de proprietários, ou o auxílio de grupos de resistência em operações, como no Dia D. Mas, destacamos que nossas análises sobre os manuais eram focadas



15

principalmente na intenção e no propósito das agências. Em outras palavras, o que elas queriam ensinar, que não significa que eram reproduzidas com tanta fidelidade.

Não estamos excluindo a existência da ajuda destes habitantes, porém, não conseguimos medir seu alcance. Por isso, concluímos que havia uma política no cotidiano empreendida por pessoas comuns em movimentos de resistência, com o suporte do OSS e do SOE através de seus agentes secretos e os manuais de campo. Isso ocorreu a partir da tentativa dos dois serviços secretos ao enviarem espiões para criar e fortalecer movimentos de resistência em territórios ocupados pelo Eixo através da população local para enfraquecer o inimigo. Sendo assim, estes espiões contribuíram com uma política, em uma luta entre fortes e fracos, por meio de sabotagens e guerrilhas. O objetivo era atrapalhar o dia-a-dia das tropas inimigas.

Tais ações nos mostram que a guerra não é feita apenas de soldados em campos de batalhas, carregando suas armas, explosivos, conduzindo tanques, ou de bombardeios de aviões e navios. A guerra age em diversas instâncias da vida cotidiana dos civis, é uma guerra total que vai além do *front*. Isso foi verificado nas ações de resistência contra o Eixo empreendidas pelo OSS e SOE. Mesmo não sendo definitivas para a vitória dos Aliados, essas ações faziam parte dos modos encontrados para enfraquecer o inimigo, nem que fossem atrapalhando seu cotidiano. Tornando sua dominação mais difícil. Evidenciando que mesmo com um império e com suas forças superiores, a Alemanha não era totalitária. Ela dominava a França, a Noruega, a Bélgica, a Dinamarca, entre outros países, todavia, isso não impedia que agentes secretos fossem enviados para seus territórios e auxiliassem movimentos de resistência contra esse regime. Caracterizando tais atividades como uma ação política contra o opressor.

Fontes

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, **The Partisan Leader's Handbook**, 1939.
M.O.I. (S.P.) THE WAR OFFICE. **Catalogue of Special Devices and Supplies**. Copy No. 148, Vol. 2, 1945. In: **Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons**. Canada: The Lyons Press, 2001.
OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Manual of Disguise**, 1944.
OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Simple Sabotage Field Manual**, 1944.
THE WAR OFFICE, **Sten Gun Manual**, 1944.



16

Referências Bibliográficas

- BERSTEIN, Serge. **A cultura política**. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (Orgs). Para uma História Cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
- BULL, Stephen. Introduction. In: **The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945)**. London: Conway, 2013.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e Poder: uma nova história política?** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). Novos Domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 17. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CLAUSEWITZ, Carl. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945**. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- HORN, Eva. **Knowing the Enemy: The Epistemology of Secret Intelligence**. Translation from the German by Sara Ogger. Published in Grey Room 11, May 2003.
- KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. Trad.: Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.
- SEAMAN, Mark. Introduction. In: **Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons**. Canada: The Lyons Press, 2001.
- TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução para o português por Neury Lima. São Paulo: Novo Século, 2014.
- WILLMOT, H.P. **Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- WOLOSYN, André Luís. **Guerra nas Sombras: Os bastidores dos serviços secretos internacionais**. São Paulo: Contexto, 2013.